

• **TV:** O lançamento de ‘Força de um desejo’, a novela de época das 18h • **3**

SEGUNDO CADERNO

QUARTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1999

Balé: Bolshoi aquece na Mangueira antes da estréia de hoje no Municipal • **8**

Padre Antônio Maria grava Roberto Carlos

Amigo do cantor diz que ele está resignado com doença da mulher

Os últimos domingos do padre Antônio Maria têm sido dedicados a rezar por Maria Rita, mulher de Roberto Carlos, muito doente desde o ano passado. A dedicação ao amigo e o sacerdócio não impediram, porém, que ele gravasse seu 12º disco, “Festa da fé” (Sony Music) — dos anteriores oito são independentes e três saíram pela Comep-Paulinas. As inevitáveis comparações com o padre Marcelo Rossi, campeão de vendagem de CDs no Brasil, não o incomodam.

— Eu me dou muito bem com o padre Marcelo Rossi, gosto muito dele, mas ele não é cantor, é um animador — diz padre Antônio Maria, que contou com a voz de Roberto Carlos nas faixas “Cura, senhor” (Sueli de Faria) e “Jesus Cristo” (de Roberto e Erasmo).

O padre também adaptou o sucesso de axé baiano “Vai sacudir, vai abalar” (Pierre Onassis e Paulo Jorge), trocando “quando meu amor passar” por “quando meu Jesus passar”.

Padre diz que convivência com o Rei lhe traz força espiritual

Natural do Rio mas morando em São Paulo, o padre Antônio Maria diz que a aproximação com Roberto Carlos lhe traz força para sua espiritualidade evoluir.

— Nunca vi o Roberto desespereado — diz o padre, que regravou “Nossa Senhora” e “Aleluia”, parcerias de Roberto e Erasmo. — Toda vez que eu o encontro me refaço espiritualmente, porque ele me passa uma beleza interior enorme. Sinto que ele está resignado em relação à vida de sua mulher. Sabe que a vontade de Deus tem que prevalecer. ■

Nara Leão é lembrada hoje no CCBB

Evento com shows marca os dez anos de morte da cantora

Começa hoje no Teatro 3 do Centro Cultural Banco do Brasil o evento “Diz que fui por aí”, série de shows para lembrar os dez anos de morte de Nara Leão. Os espetáculos fazem um resumo da carreira da cantora e ficarão em cartaz até o dia 30 deste mês. Os encontros programados foram divididos em “O amor, o sorriso e a flor” (de hoje a 9 de maio, com show de Wanda Sá e Kay Lyra e direção musical de Roberto Menescal), “Opinião de Nara” (de 12 a 16), “Nara reveladora” (de 19 a 23) e “Nara, uma brasileira” (de 26 e 30).

Exposição e peça também lembram carreira da artista

Enquanto o CCBB utiliza intérpretes para celebrar as canções eternizadas pela voz de Nara, que abriu seu apartamento para a evolução da bossa nova nos anos 60, o BNDES prepara a exposição “Nara pede passagem”, que abre no dia 9 de maio com reproduções de jornais e revistas, fotos de shows, entrevistas para a TV, capas de discos e depoimentos de Nara Leão.

Outro evento marca os dez anos de morte de Nara: o Café-Teatro de Arena abrigará, entre 9 de junho e 3 de julho, o espetáculo “Nara, uma senhora de opinião”, abrangendo o início da carreira da cantora, em especial o período do Teatro Opinião. Claudia Netto foi convidada para ser a protagonista da peça. ■

Volta aos bailes

Em seu novo disco, ‘Crooner’, Milton retoma as origens de sua carreira

Divulgação/Bruno Veiga



MILTON NASCIMENTO se diz pronto para os shows: “Estou muito bem de saúde, fazendo exercícios. A cabeça ajuda muito e ela está muito boa, estou muito feliz com os últimos trabalhos.”

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Abrindo uma nova etapa em sua vida e carreira, com a saúde novamente sob controle, Milton Nascimento lança esta semana o disco “Crooner” (WEA). Segundo o cantor, este trabalho fecha uma trilogia iniciada com o “Angelus”, seguida de “Nascimento” (álbum premiado com o Grammy de world music em 1998), e significa também uma retomada de seus tempos de baile, no fim dos anos 50.

Milton tanto resgata pérolas da canção popular como o bolero “Aqueles olhos verdes” e “Only you” quanto investe no pop de “Beat it” (Michael Jackson) e “Certas coisas” (Lulu Santos e Nelson Motta). Ele aproveita para retomar a parceria com o amigo Wagner Tiso — que assina todas as orquestrações — homenagear o Tamba Trio e gravar com outro companheiro do Clube da Esquina, Lô Borges, que divide a faixa “Resposta”, do grupo mineiro Skank.

—Estava fazendo meus exercícios matinais ouvindo rádio aí tocou essa música — conta Milton. — Isso me lem-

brou muito uma conversa minha e do Lô. Quando soube que era do Skank vi que estava tudo em casa. Essa foi uma das primeiras músicas escolhidas.

Lô, de Belo Horizonte, por telefone, lembra da primeira vez que viu Milton e do prazer de cantar com ele:

— Foi na escadaria do meu edifício. Eu tinha 10 anos, estava em casa, e ouvi uma voz maravilhosa que vinha de baixo. Desci as escadas correndo seduzido pelo canto da sereia. Ele tinha 19 anos, estava tocando violão e me botou imediatamente para cantar. Cantar com Biotuca é como jogar bola com Pelé.

Show estréia em junho no Rio

Depois de, no ano passado, interromper a sua turnê, Milton se diz pronto para os shows de lançamento de “Crooner”. A estréia, no Canecão, está marcada para a segunda semana de junho. Antes de seguir para a temporada em São Paulo, ele fará uma turnê pela Europa.

— Estou muito bem de saúde, fazendo exercícios, a taxa de glicose baixinha. A cabeça ajuda muito e ela está muito boa, estou muito feliz com os últimos trabalhos. Estou me sentindo zorado, como se começando de novo.

De volta ao disco, Milton fala com carinho de “Aqueles olhos verdes”, versão

de Braguinha, que aprendeu com sua mãe no tempo em que tocava a sanfonia nas quermesses:

— Minha mãe me ensinou essa música. É uma homenagem a ela. Ela cantava essa e muitas outras conhecidas.

Milton dedica “Crooner” ao Tamba Trio, um dos principais grupos da bossa, formado por Luiz Eça, Bebeto e Hélio Milito. No início dos anos 60, a mãe de Wagner comprou um disco do Tamba achando que os rapazes gostariam.

— Nunca esqueço do dia em que o Wagner mandou a turma me segurar do lado de fora da casa dele: “Pode deixar ele entrar !” Quando entrei começou a rolar aquele som, a introdução de “Mas que nada” e eu caí pra trás.

Já a gravação de “Only you”, sucesso no fim dos anos 50 com o grupo americano The Platters, remonta ao tempo em que Milton tinha um grupo vocal chamado Luar de Prata.

— Éramos os Platters de Três Pontas, mas não cantávamos só rock não, tinha várias outras coisas que fazíamos com o nosso jeito. Me lembro da primeira vez que Jim Capaldi veio ao Brasil e perguntaram a ele se ele conhecia alguma coisa do rock brasileiro. Ele disse: “Milton Nascimento !” Começaram a rir dele e ele respondeu: “Vocês não entendem

nada de rock !”.

Estranheza nunca foi novidade na vida de Milton. Durante as gravações de orquestra de “Crooner”, em Londres, um recente exemplo.

Maestro inglês estuda a estranheza

— O pessoal lá não está acostumado com esse tipo de arranjo para música popular. Esse tipo de situação sempre acompanhou a mim e ao Wagner. Nós chegávamos a um lugar para gravar e sempre havia alguém estranhando alguma nota na música ou no arranjo. Estávamos gravando “Rosa Maria”, para esse disco, e chegou uma hora em que a música estava muito comprida e nós teríamos que editar uma parte para encaixar Os Cariocas. Fizeram uma edição no computador e o Márcio Lomiranda (que programou e tocou teclados no disco) achou esquisito e eu disse: “É assim mesmo que quero!”. Aí o Wagner virou para ele e emendou: “Olha, esse aí é o ‘rei do esquisito’. Tudo que você achar esquisito você pode mandar para ele que ele adora !”. Lá fora o pessoal leva muito susto com essas coisas. Então em Londres aconteceu do maestro achar o arranjo esquisito e depois de pronta a gravação pediu a partitura para estudar.

Continua na página 2

Caetano Veloso assina ‘Carta Branca’ em Paris

Cantor é a atração do evento Cité de la Musique, tendo a seu lado o poeta Augusto de Campos e o compositor Lenine



Leonardo Aversa

DA ESQUERDA PARA a direita, o músico Cid Campos, seu pai Augusto, Caetano Veloso e Lenine: Brasil em Paris

Braulio Neto

Para se assistir a um jogo com Ronaldinho ou a uma palestra com Rubem Fonseca, talvez o melhor seja morar na Europa. A história tem eco na música. O craque Caetano Veloso é a atração da próxima edição do projeto “Carte Blanche” (Carta Branca), que ocorre de duas a três vezes por ano na Cité de la Musique (Cidade da Música), localizada no Parque de La Villette, em Paris.

Como propõe o título do evento, o tropicalista terá carta branca para, daqui a duas semanas, de 14 a 16 de maio, fazer o que quiser. E o baiano resolveu mostrar o que é que o país tem, a seu ver, de melhor, levando a tiracolo o poeta Augusto de Campos e o compositor Lenine. O Brasil, por

enquanto, fica boquiaberto, olhar perdido no Atlântico.

— Uma exigência deles é exclusividade antes que o espetáculo seja apresentado lá e o desejo que ele não se repita depois — contou Caetano, durante entrevista coletiva concedida na tarde de anteontem. — Ainda não pensei nisso, mas assim como ocorreu no projeto do Fellini, na Itália, gostaria de realizar esses espetáculos por aqui.

Poesia concreta e vivacidade pop pernambucana do lado

O compositor, ao saber da verba que disporia para realizá-lo, estendeu o convite ao poeta concretista e ao compositor pernambucano.

— Seu eu pudesse, também levaria a Mangueira, o prédio do Masp, o MAC de Niterói — sorriu

o compositor. — Mas estas escolhas para mim foram naturais. De um lado, Augusto, representante da cultura erudita brasileira. Do outro, escolha óbvia, o Lenine, que fez um disco sensacional no ano passado.

Augusto de Campos, acompanhado do filho Cid, músico e compositor, vai apresentar no palco de capacidade para 800 lugares o CD “Poesia é risco”.

— Minha apresentação será centrada no conceito da hipermídia, exponenciando a visualidade do poema — disse Augusto.

O músico Lenine foi sintético: — Sou grato a Caetano pelo convite e a idéia é botar o pau para quebrar em Paris.

Ao término da entrevista Caetano negou que vá produzir um disco em formato “Duets” para João Gilberto. ■

VOLTA AOS BAILES • Continuação da página 1

Primeiros acordes e influências

Abrindo nova fase, Milton lembra de sua iniciação musical

Marcelo Carnaval/20-04-99



WAGNER TISO e Lô Borges, sócios do Clube da Esquina, participam do disco

Retomando em “Crooner” parcerias com velhos amigos, nesta entrevista Milton lembra do início em Três Pontas e rebate as críticas de que o compositor estaria se repetindo.

• **QUALIDADE:** “Não aceito quando dizem que a qualidade do meu trabalho caiu. Ao lançar o segundo ‘Clube da Esquina’ fui malhado, queriam me crucificar. Me lembro que fui à Argentina e o grande crítico de lá me perguntou: ‘Depois de fazer esse disco o que você vai fazer da sua vida?’ Falam que o Chico Buarque não é mais aquele de antigamente, que a nossa geração está preguiçosa. Estamos trabalhando mais do que nunca. Andaram dizendo que eu estava sem inspiração, que precisava de músicas dos outros. Cantar músicas que não são minhas sempre fez parte da minha vida. Ser quiser fazer outro disco amanhã tenho muito material.”

• **MÃE:** “Minha mãe é responsável por tudo. Eu queria tocar piano. A gente não tinha dinheiro para comprar um, acordeom também não dava. Então meu primeiro instrumento foi uma sanfona de quatro baixos, que era muito limitado. Quando eu precisava dar uma nota que não existia na sanfona eu imitava com a voz. Mais tarde, aos 13 anos, minha mãe ganhou um violão da madrinha que recebi na porta, levei para o meu quarto e até hoje está na minha vida.”

• **AGOSTINHO DOS SANTOS:**

• **RIO:** “A despedida de São Paulo

foi muito emocionante. Cheguei no Rio pela manhã, com uma mala esfarrapada, fui direto para o estande do festival procurar o Augusto Marzagão. A moça disse que ele estava em reunião e que só poderia atender à tarde. Disse a ela que queria deixar um recado, que o Milton Nascimento chegou de São Paulo. Quando disse meu nome, a lembrança que tenho é da Olívia Palito, do Popeye, correndo esbaforida com as pernas lá na frente e o corpo para trás. Saíram todos da sala, eu me sentia um bichinho, todo mundo olhando e aí foi uma sucessão de acontecimentos maravilhosos. Conheci o Eumir Deodato que passou a fazer no Rio, o que o Agostinho fazia em São Paulo.” ■

MARIO ADNET é compositor e arranjador

Crooner: Um CD que remete a um cantor mais para dançar que para ouvir

A salada mista de um grande intérprete

João Máximo

DISCO CRÍTICA

Crooner quer dizer sussurrante, murmurante, aquele que canta baixinho, ao pé do ouvido. O termo foi adotado na música americana para rotular os intérpretes que, no começo dos anos 30, valeram-se do recurso do microfone para cantarem — não segundo as regras do *bel canto*, mas com voz suave — as canções românticas de então. Por essa definição, é claro que Milton Nascimento não é um *crooner*.

Já na era das *big bands* — anos 40, principalmente — o termo ganhou novo sentido: passou a se aplicar a todo cantor das orquestras de dança que se multiplicavam de costa a costa nos Estados Unidos. O que também não é o caso de Milton, cuja voz, se animou bailes na juventude, não foi feita para se dançar (que o conheça, e sabe do justo orgulho que tem dessa sua voz, há de concluir que só mesmo por ser jovem Milton aceitaria ser animador de arrastapés, ele cantando e os casais trocando babados na base do dois pra lá, dois pra cá).

Assim, o título deste disco de intérprete que não sussurra e, su-

pomos, canta para se ouvir, talvez se deva ao ecletismo do repertório. Afinal, os bailes de antigamente eram tão mais animados quanto mais variados.

Nisso, Milton comete pelo menos um erro: o de recorrer a uma salada mista, ou para mostrar do que é capaz (de resto, prova desnecessária), ou para atingir vários públicos (ninguém pode servir a Deus e ao diabo ao mesmo tempo). No novo CD, temos Tom & Vinicius de “Orfeu da Conceição” e rumba à Ruy Rey, samba de fossa dos anos 50 e Michael Jackson, bolero bilingüe e sucesso de quando Benjor era apenas Ben, “Only you” e Lulu Santos, música de carnaval e anedotas musicais, Nina Simone e Skank, um belíssimo Billy Blanco e um surpreendente (e bom) Milton do compacto de estréia. Enfim, baile mais do que variado.

Milton, cantor de notória força interpretativa, tenta impor a todas as faixas a marca de sua personalidade. A voz pode parecer menos natural, mais cansada, mas a categoria é a mesma. Os fãs talvez estranhem algumas digressões de estilo. Por exemplo, a frequência com que substitui notas mais longas, um de seus trunfos,

por ondulações vocais em cima de sílabas repartidas. Assim, em vez de “entraram na minh’alma, encheram-na de dor...”, ele canta “de dô-ô-dô-or...”; em vez de “na beira da praia a soluçar...”, canta “a soluça-a-a-ar...”; em vez de “a vida inteira para se arrepender”, canta “arrepêndê-ê-ê-er...” Diz o *release* que acompanha o CD que Milton procura cantar como o fazia nos dos tempos bailes, o que talvez explique a inesperada variação estilística.

Mas há bons momentos nos 62 minutos do CD (o primeiro da história que chama de bônus faixas que já são parte dele). “Se que nada” é um desses momentos, sobretudo pelo arranjo de Wagner Tiso, o homem que veste Milton musicalmente em todo o disco (nem o excesso de teclados programados arranha a qualidade dos arranjos).

Bons momentos, também, são as faixas em que Milton é mais ele mesmo, intérprete poderoso de coisas como “Castigo”, “Se alguém telefonar”, “Rosa Maria”, “Frenesi”, mesmo fracionando as notas longas. O CD poderia ter ficado nisso, em vez decortear no-vidades que nem se ouviam nos bailes de Milton. ■

SEDE

PARQUE GRÁFICO

BANCO BOAVISTA

APRESENTAM:

A BATIDA INCONFUNDÍVEL E SENSUAL DE

Djavan

EM SEU SHOW “BICHO SOLTO”

AMANHÃ A SABADO
06 a 08 MAI

HORARIO: QUINTA ÀS 21:30H. SEXTA E SÁBADO ÀS 22:30H.

PREÇOS: PLATÉIA R\$25/ESPECIAL R\$35/ PALCO R\$50/CAMAROTES R\$35/50.

APICD:

Tributo a Bob Marley com:

Israel Vibration

Gregory Isaacs

Dennis Brown **Max Romeo**

TERÇA 11 MAI

HORARIO: 21:30H.

PREÇOS: PISTA R\$20/ CAMAROTES R\$35/50.

APICD:

kid Abelha Jota Quest Cidade Negra

Banda de Abertura: Dread Lion

QUINTA 13 MAI

HORARIO: 21:30H.

PREÇOS: PISTA R\$20/ CAMAROTES R\$35/50.

APICD:

Julio Iglesias

O MAIOR CANTOR ROMÂNTICO DE TODOS OS TEMPOS, EM SEU NOVO SHOW “MINHA VIDA, GRANDES SUCESSOS”

SEXTA E SABADO
14 e 15 MAI

HORARIO: 22:30H.

PREÇOS: PLATÉIA R\$40/ESPECIAL R\$75/ PALCO R\$120/CAMAROTES R\$75/120.

APICD:

O QUE VEM POR AÍ EM MAIO:

FESTA PAN LANÇAMENTO DO CD BACKSTREET BOYS DIA 16

INGRESSOS DISPONÍVEIS: 421-1331/FAX: 421-1336. TEATRO DA LAGOA INF.: 512-9990. SHELL-LOJAS SELECT: (TAXA DE SERVIÇO 15%) POSTO IATE (BOTAFOGO), CANÁRIO (BARRA), EXCEDE (LAGOA), HAWAII (ILHA), SÃO BENTO (ICARAI) E GUADIANA (TIJUCA). FAIXA ETÁRIA: 14 ANOS (DE 07 A 13 ANOS ACOMPANHADO DO RESPONSÁVEL LEGAL) - www.metropolitan.com.br

DISK-METROPOLITAN TEL: (021) 532-1919 COMPRE SEU INGRESSO DE PISTA COM MASTERCARD E DINERS COM ATÉ 48H. DE ANTECEDÊNCIA DO SHOW (TAXA DE ENTREGA).